

REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»
Aos Efésios 4:13



Abaixo o derrotismo!



**Endireitando as veredas
para o futuro**

Por A. V. OLSON



**Influência do cristianismo
na civilização**



**Porque permite Deus
o sofrimento?**

Por JEAN MCMILLAN



Do centro da África...

Por ATAÍDE MIGUEL CANDEIAS



Maus portugueses?

Por ANTÓNIO DIAS GOMES



Uma Igreja unida

O povo de Deus

Por A. W. CORMACK



Esclarecendo...

Representa a gravura da nossa capa a cena triste e muito vulgar, nos tempos actuais, dos náufragos no salva-vidas de borracha. O seu barco foi torpedeado. Um companheiro já morreu e os dois sobreviventes aguardam a hora extrema. Olhos fitos no céu, Bíblia aberta, fazem a devoção, no meio das vagas. Quem sabe se a última prece! Se tiverem de morrer, desejam sair da vida como cristãos, crentes na Palavra de Jesus e na Eternidade.

¿ Poderá operar-se o milagre do salvamento? ¿ Que acontecerá se regressarem ao convívio humano, em terra firme? Talvez esqueçam, nas ilusões da vida, a crença que lhes incutiu ânimo e consolação em horas tão trágicas. Não será, contudo, muito provável. As revistas publicam o testemunho de muitos destes homens, desde os aviadores aos tripulantes de submarinos, afirmando a certeza de que Deus os ouviu e realizou o seu salvamento, contra toda a expectativa humana. Quem ganhar esta convicção manterá Fé inalterável, nas contingências da vida. Como dizia Jesus «A vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem enviaste». Eles mesmo, assim o afirmam; continuarão o resto da vida na Fé aumentada em tão difíceis provas.

Deus é infinitamente bondoso. Não quer o Mal e, conseqüentemente, a Guerra. Mantém a livre vontade dos seres humanos que tantas vezes só sabem aplicá-la para fazer mal. A bondade divina compraz-se a tirar, dêsse mal, maior soma de benefícios, como nos dias do Patriarca José, vendido maldosamente aos egípcios para bênção de todos. É assim que esta própria Guerra tem contribuído para criar ou fortalecer a Fé em muitos milhares de corações. Os cultos religiosos são freqüentados, muito além do que seria de prever, pelos soldados em pleno campo de actividade.

Não devemos esquecer também a bênção que consiste em semear nos corações a semente da Fé. Hoje, como no tempo de S. Paulo, é verdadeira a frase: «¿ Como, pois, invocarão Aquêle em quem não crêram? ¿ E como crêrão nAquêle de quem não ouviram? ¿ E como ouvirão se não há quem prêgue? ¿ E como prêgarão se não forem enviados? Como está escrito: «¿ Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!» (Romanos, 10: 14-16).

Semeemos, pois, a Semente santa porque de-certeza ela produzirá frutos.

OS EDITORES

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Redacção e Administração
Rua Joaquim Bonifácio, 17
Composta e impressa na
Tipografia Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picoas, 34 // LISBOA

Director: A. Dias Gomes
Redactor: Ernesto Ferreira
Administrador: A. F. Reposo

Cont. e Ilhas Colónias
Número avulso 2\$50 3\$00
Assinatura anual 12\$50 15\$00

Abaixo o derrotismo!

Nós como cristãos temos de acreditar na atitude espiritual de S. Paulo, quando dizia: «Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece» (Filipenses, 4:13).

Existe um perigo real em que os cristãos, trabalhando em circunstâncias difíceis, criem o espírito de derrotismo. Depois de trabalharem conscienciosamente, durante um período de tempo, com resultados relativamente magros, não é difícil chegarem à conclusão que o plano «não pôde realizar-se» no seu campo e aceitam a derrota como sorte pouco airosa e inevitável. Toda a sua psicologia fica saturada com a idéia que o seu campo é diferente dos outros e que nada se pode fazer. Se é um evangelista, perde a sua visão, cria a tendência de ficar acorçado e convence-se de que a região que lhe foi confiada na vinha do Senhor é dura e «nada se pode fazer».

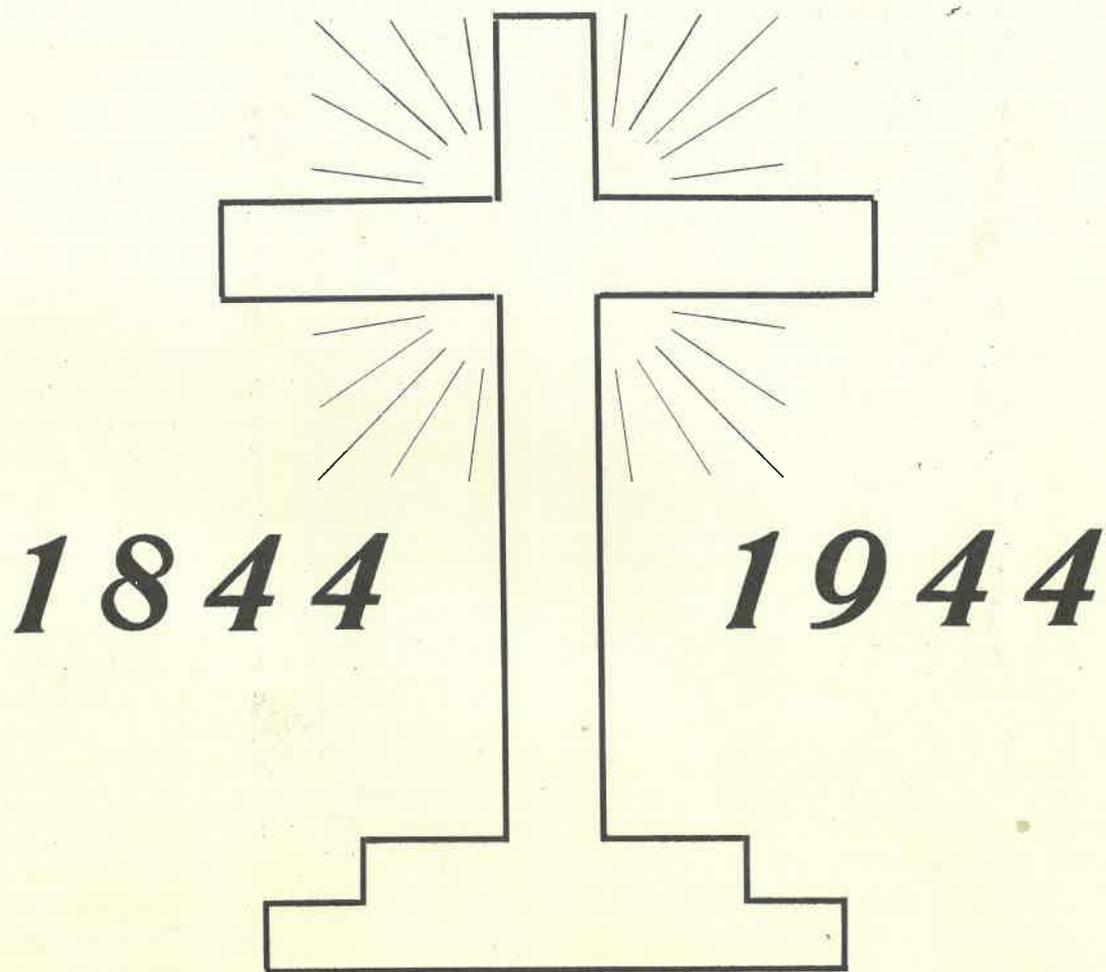
Que bênção para a Causa de Deus se pudessemos banir para sempre da experiência cristã e, sobretudo, das forças de evangelização, essa frase «não pode ser feito» e o espírito de desânimo que a dita. Quantos evangelistas jovens e inexperientes têm sido desanimados e prejudicados em ouvir esta frase de outros mais idosos e experientes. Quantos missionários e quantas obras religiosas não existiriam hoje se não tivesse havido as atitudes totalmente diversas e se não tivesse havido alguns a pensar e a dizer: «isto pode fazer-se».

Muitas vezes, algumas das coisas que dizem «não poder ser feitas» são chamadas à existência mesmo sob os nossos olhos. Em certo campo de actividades adventistas dizia-se que os membros não podiam fazer a Campanha das Missões. Citavam-se factos atrazados. O campo era «diferente» dos outros. Chegou a essa Congregação um obreiro enérgico, da escola de S. Paulo, lançou a campanha e, passadas sete semanas, o alvo tinha sido quadruplicado. Passados três anos de treino nessa actividade, aquela Congregação tinha passado à frente de muitas outras, embora até ali se pensasse que «não podia fazer nada». O facto de não se ter feito uma coisa útil no passado, nada prova que não se possa fazer no presente ou no futuro.

Se tivessem adoptado tal maneira de pensar os pioneiros do Cristianismo há vinte séculos ou os do Movimento Adventista há cem anos, os seus movimentos divinamente queridos, teriam morrido na casca e não se poderia realizar a proclamação desta Mensagem «a toda a tribo, língua e povo».

Vivemos em dias em que temos de «tentar» acções cada vez maiores para Deus e esperar dEle maiores bênçãos em nosso favor. É natural que Deus inspire novos métodos aos seus evangelistas. É ainda muito provável que nós tenhamos de modificar muitos dos velhos processos improductivos. O que não podemos nem devemos é perder a visão das possibilidades e pretender desculpar a nossa preguiça ou má vontade com a dificuldade «inventada» do campo. O nosso Movimento Adventista assentou em visões de triunfo e de segura vitória para a doutrina do Advento. Não podemos duvidar que o Deus que lançou este movimento e deseja que vá a todo o mundo não queira vencer todas as circunstâncias adversas.

(Adeptado do Ministry, Fevereiro de 1944)



No mundo de há 100 anos, muito diferente do actual sob múltiplos aspectos, eclodiu, em diversas partes da Terra, o grande Movimento do Advento. Nos países da Escandinávia, cristãos se reuniam na leitura das Sagradas Letras e até crianças, impulsionadas pelo Espírito, dirigiam apêlos baseados na vinda gloriosa de Jesus. Os árabes ouviam nos desertos a voz de missionários que tinham chegado às mesmas conclusões. Nos Estados Unidos, Guilherme Miller, convicto de que a profecia de Daniel sôbre «as 2.300 tardes e manhãs» apontava o ano de 1844 para a vinda do Senhor, começou a explicar o seu ponto de vista a auditórios cada vez mais numerosos, até que nasceu um movimento organizado

com muitos prêgadores da boa nova.

O espírito zombeteiro de muitos escritores e jornalistas pode lançar a público, passados cem anos, descrições engraçadas e até cómicas de particularidades individuais ou colectivas. Podia muito bem acontecer que não tivesse semeado batatas, na respectiva época, êste adepto da doutrina de Miller e, como resultado, ficasse sem elas na colheita; também não é incrível que mais outro não tivesse recolhido o cereal, pois julgava que dêle não careceria nunca mais; se algum, menos conhecedor das Escrituras, se vestiu de branco, no dia que reputou ser o último da vida terrestre, nada haveria de anormal. Não há momento na vida humana,

por mais solene que seja, onde não possamos encontrar notas cómicas. A verdade, porém, atestada por testemunhas oculares que viveram dentro do Movimento, assistiram às suas diversas fases, passaram pelas decepções dos instantes supremos, conviveram com os elementos preponderantes do Adventismo, é que tudo se passou na atmosfera do mais puro e verdadeiro cristianismo. Em vez do fanatismo havia nas reuniões e na vida dos componentes dêste movimento a calma das graves reflexões. A ideia da eternidade que se aproximava purificava a vida dos crentes e cortava-lhes os laços terrestres.

Enganaram-se e tudô ficou como dantes?



O profeta Daniel interpreta uma visão no Palácio da Babilônia.

A interpretação da profecia dos 2.300 anos, encontrámo-la, quase nos mesmos termos com que Miller a explicou, nos livros fundamentais de muitas denominações cristãs. A precisão dos fundamentos não evitou a confusão nas conclusões.

O ano de 1844 não podia representar a vinda gloriosa de Jesus porque já Ele ensinava: «Daquêle dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas uni-

camente meu Pai» (S. Mat. 24:36). Qualquer data, pretensamente extraída da Bíblia para a realização desse acontecimento, é justamente aquela em que não deve dar-se o Advento.

Também não ficou tudo como dantes: no mundo operaram-se as transformações preditas nas Escrituras para «o tempo do fim» em que «o Evangelho do Reino seria pregado em testemunho a tôdas as gentes»;

no mundo cristão operou-se uma autêntica revolução sobre a doutrina da Segunda Vinda de Jesus—tôdas as denominações cristãs começavam a simpatizar com ela, a publicar livros sobre ela, a metê-la nos seus catecismos e, nas próprias Igrejas em que certas doutrinas mais rendosas impedem que viceje a Parusia, os mais ilustres chefes têm escrito em seu favor—como o Cardial Billot.

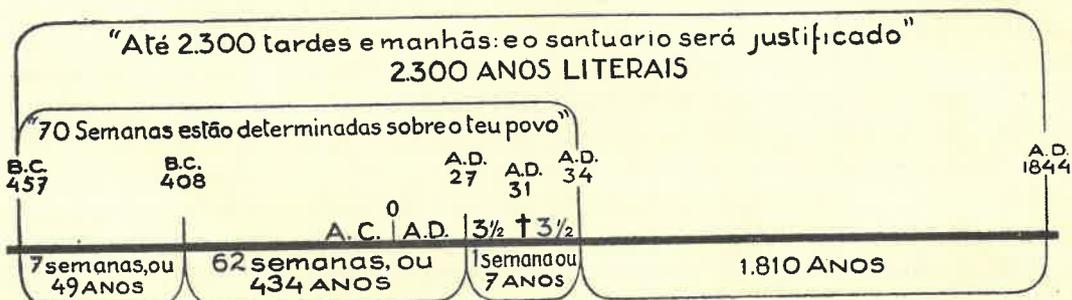
No espaço de cem anos, a doutrina do Advento, colocada dentro dos seus limites bíblicos, deu a volta ao mundo, estabeleceu-se em todos os países, é ensinada em tôdas as línguas e em muitos dialectos, estabeleceu milhares de missionários nos países que viviam «na sombra da morte», foi difundida por milhares e milhares de jornais, revistas, livros das mais variadas formas e temas e — o que mais importa — chamou milhares e milhões de indivíduos ao exame do Evangelho, ao abandôno do Mal e à preparação espiritual para a Eternidade.

No meio das discórdias humanas e cristãs é consolador saber que o Advento de Jesus, dentro dos limites claros do Evangelho, com a preparação concomitante, constitue uma base de entendimento real entre todos os religiosos. Não se pode ser cristão sem abrigar na alma a bendita promessa do Mestre: «virei outra vez» (S. João 14:3).

¿Não diz o Credo Apostólico «creio que Ele virá no fim do mundo»?

E com tôda a gratidão espiritual teremos de dizer

**Salvè
movimento de 1844!**



A Grande Profecia de Daniel, no capítulo 9 do seu livro.

ENDIREITANDO AS VEREDAS

por A. V. OLSON

PARA O FUTURO...

Neste tempo de luta e confusão universais e de destruição de vidas e propriedades sem precedente, os Adventistas do Sétimo Dia em todo o mundo estão profundamente interessados na prosperidade da Obra de Deus. Todos estão cientes que uma tempestade tão devastadora como a que está agora desencadeada não pode varrer o mundo sem trazer perplexidade e incômodo à causa de Deus. Muitos estão perguntando a si mesmos o que é que está acontecendo. Temem que quando a tempestade tenha passado venhamos a descobrir que a nossa querida e bela Obra tenha sido arruinada e naufragada em quase tôdas as partes do mundo.

Devido à suspensão do serviço postal internacional, bem como às restrições nas viagens de um país para outro, é impossível ter um quadro completo e em dia da nossa obra mundial. Sabemos, no entanto,

que a nossa obra missionária tem passado por cruciantes experiências em grande número de lugares. Sabemos que em certos sectores as nossas instituições e igrejas têm sido danificadas e mesmo destruídas e que outras têm sido requisitadas para fins militares. Sabemos também que em alguns campos os missionários estrangeiros têm sido compelidos a abandonar o seu pòsto. Alguns dos missionários e suas famílias passaram por grandes trabalhos e sofrimentos ao tentarem regressar aos seus países. Outros são agora prisioneiros de guerra. Em diferentes países as nossas fileiras foram grandemente reduzidas, pelo chamado de obreiros, colportores e outros para prestarem serviço militar. Naturalmente tôdas estas desagradáveis experiências e muitas outras que não temos espaço para mencionar, têm criado sérios problemas e graves perple-

xidades. Não resta dúvida que em certos lugares, parece como se a obra tivesse chegado a zero.

Para louvor e glória de Deus sentimo-nos felizes de poder dizer entretanto, que a obra de Deus não naufragou. Embora tenha sofrido algumas perdas e recuos temporários em certos lugares, a obra em geral tem feito vários progressos encorajadores. Onde quer que se levante a cortina aqui e além, vemos o exército do Senhor marchando de vitória em vitória. Por todo o mundo em redor êle está avançando com poder irresistível. Em grande número de países o avanço é mais rápido agora do que foi antes da guerra. Mesmo nos campos onde as dificuldades são maiores a obra não está morta. Em campos missionários onde os dirigentes estrangeiros e outros obreiros têm sido obrigados a resignar os seus cargos e responsabilidades, os naturais têm agüentado essas responsabilidades e estão prosseguindo nobremente. É realmente consolador ver o que Deus está fazendo no meio e para com o Seu povo neste tempo de perturbação e sofrimento mundiais.

De relatórios publicados em jornais como os que ainda chegam até nós de tempos a tempos, de cartas, cabogramas e telegramas, tem-se tornado muito claro para nós que Deus está à obra preparando o terreno para um poderoso avanço tão depressa a guerra termine. Para êsse avanço devemos agora preparar-nos. Devem ser feitos planos inteligentes para fazer face aos numerosos pedidos que nos virão a ser feitos. Onde quer que possível devam ser acumulados fundos para reconstruir e reparar rapidamente instituições e igrejas que tenham sido danificadas ou



Missionários desembarcando...

(Continua na página 13)

INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO

NA CIVILIZAÇÃO

Do muito que fez o Cristianismo para o melhoramento do indivíduo e da sociedade, passamos a apresentar alguns aspectos, baseados particularmente na interessantíssima obra de Rebelo da Silva, *Fastos da Igreja* (Liv. I, cap. 2).

A dignificação da mulher

«O casamento entre os romanos decidia-se por cálculos de ambição, ou por interesse da cubiça, raras vezes por amor. Metellus, o Numídico, expressava em poucas frases o pensamento geral, quando dizia: «Se a natureza fôsse tão benévola que os fizesse nascer sem carecermos de mulheres, tínhamos libertado de molesta companhia». E acrescentava que o consórcio devia reputar-se um sacrifício dos prazeres ao desempenho de deveres públicos.

Na opinião dos juriconsultos e dos homens políticos, à fraqueza e à ligeireza de ânimo femininas, contrapunha-se a majestade viril. Ainda no reinado de Tibério, Severus Cecina, insistindo pelo restabelecimento da antiga disciplina, não duvidava definir o sexo mais delicado como frágil, incapaz de cuidados e fadigas, leviano e ambicioso. Catão não inventiva contra êle com menor ardor: e os princípios da legislação tendiam a determinar a sua inferioridade em referência aos homens.

A primitiva constituição de Roma partindo destas ideias, e consagrando-as, submetia as mulheres, mesmo depois da maioridade, à tutela permanente dos parentes viris. No sentido aristocrático, que a ditou, a tutela levava em vista sequestrar-lhe tôda a participação na gerência dos negócios, quer públicos, quer particulares, curvando-as pelo vínculo legal à superioridade masculina. Quis-se por esta disposição conter o elemento, em que a família se perde pelo elemento que a perpetua.

O tutor instituído pela lei, e interessado em velar como herdeiro mais próximo, assistia aos actos das damas para lhes neutralizar a actividade civil, cabendo-lhe até impedi-las de passarem ao poder de terceiro com o matrimónio. Não podiam dispor dos bens sem autorização da tutoria. Não deviam nem sequer perguntar que leis deliberrava o Senado, ou que sedição inquietava o *forum*. Um tribunal, composto dos parentes mais chegados, julgava os seus desvios e culpas, e tinha autoridade para as condenar aos castigos mais severos. Em algumas ocasiões os parentes foram incumbidos de servirem de

legítima de dois sentimentos novos: o respeito e o amor. S. Paulo chega a escrever: «Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo».

Se a mulher saiu da condição deprimente em que se encontrava na antiguidade, deve-o inegavelmente à influência dos princípios cristãos.

A libertação dos escravos

«O seu número era infinito. Os nobres, os cavaleiros e os cidadãos abastados nutriam manadas imensas e lucravam com as suas fadigas. Crasso tinha quinhentos servos pedreiros que alugava. No campo de Cipião contavam-se quarenta mil, e os soldados orçavam apenas pelo dôbro. Caio arrebanhava cinco mil escravos; e Ateneu assegurava-nos que muitos particulares opulentos possuíam dez e vinte mil.

A todos os países da terra se iam buscar os desventurados, que o destino condenara à miséria servil.

Em Delos era o maior depósito. A Frigia e a Capadócia despovoa-vam-se para os fornecer. O valor do escravo reputava-se segundo a pátria. O espanhol, fácil em acabar com os martírios pelo suicídio, assustava os compradores. Enquanto na Sicília um escanção custava menos que uma taça, e na Gália e na África as donzelas se trocavam por punhados de sal e algum vinho, as Milesianas, tôdas graças e enlêvo, e os Frígios lascivos, pagavam-se por alto preço.

As crueldades frias e gratuitas, com que os atormentavam, pareciam incríveis, se tantos testemunhos autorizados as não referissem.

A mais leve falta punia-se como atentado. A raiva e o arbitrio do senhor decidiam do castigo. O servo expirava retalhado pelas varas do *lorarius*, cravado na cruz,

Todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo . . . não há servo nem livre, não há homem nem mulher, porque todos vós sois um só em Jesus Cristo.

Epistola de S. Paulo aos Gálatas, 3: 26 - 28

algozes às mulheres de sua família, sentenciadas a pena capital.

O poder paterno era absoluto sôbre todos os membros da sua casa.

Michelet retrata esta existência áspera e sombria das primeiras épocas com pincel de mestre. «Por numerosa, que se junte a família em roda do lar, não descubro senão uma pessoa única, o pai, o possuidor actual, a acção doméstica, o deus vivo da espôsa, dos filhos e dos escravos. A índole antiga da família é feroz e exclusiva; mulher, filhos e servos, são corpos, são coisas, mas não representam pessoas. Pertencem ao chefe; êste pode vará-los, vendê-los ou matá-los».

A cultura abrandou o primitivo rigor, mas a essencia prevaleceu.

Vem Jesus Cristo, e com êle uma até aí desconhecida consideração pela mulher, consequência

esmagado entre duas mãos, esvaído no chão com as mãos e pés, nariz e beijos cortados, ou suspenso no ar em quatro ganchos de ferro para as aves de rapina o devorarem vivo.

Não era preciso mesmo culpa para cessarem os seus dias. Cleópatra experimentava nêles os venenos; Flaminius, para mostrar a certo convidado como se morria de morte violenta, decepava pela sua mão a cabeça de um dos servos. Polion engordava as moeiras dos seus viveiros com os escravos lançados para as fazer mais saborosas; e Augusto, que o repreendia, mandava enforcar outro desgraçado semelhante pelo crime de comer uma codorniz destinada a César!

À noite êstes rebanhos humanos, desfalecidos de fome e de cansaço, eram encurralados, como animais, nos cárceres do Ergástulo, homens e mulheres promiscuamente. Palha podre, ou o chão úmido, eis o seu leito. A farinha, que os nutria, distribuía-se parcamente aos meses.

O escravo nada possuía, nem até o seu pecúlio, adquirido à custa de trabalho e de vigílias. Na mão do senhor estava sequestrado ».

Contra semelhante estado de abatimento da dignidade humana, levanta-se Jesus Cristo, proclamando a igualdade dos homens perante Deus, insistindo pelo amor fraterno, não já para com os amigos, mas para com os próprios inimigos. Êle mesmo tomou a forma de servo, de escravo, humilhando-se a si próprio (Fil. 2:7). E Êle, que sabia o que era o sofrimento, dizia: « Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos e Eu os aliviarei ». (Mat. 11:28).

S. Paulo, intercedendo pelo escravo Onésimo, é um símbolo da alteração de costumes e atitudes que o Cristianismo trazia consigo.

À influência nobilitadora do Cristianismo se deveu, decididamente, a abolição da mais alta calamidade social.

A liberdade social

«A liberdade dos cidadãos não



Jesus, o grande Amigo dos «pequeninos de todos os tempos

resgatava estas nódoas, de que se manchava a civilização pagã. Na Cidade e fora dela, os homens nunca possuíram os direitos civis e as garantias que prezam, e definem as instituições modernas. Ao nome vão, que a bôca dos romanos proferia cheia de orgulho, não correspondiam na vida pública e particular as vantagens, que hoje encerra para nós. A vista imparcial da história, penetrando nesses abismos de corrupção e de miséria, não encontra em todas as classes, e em todos os graus da escala social senão a servidão da pessoa e o holocausto do indivíduo à entidade colectiva!

A liberdade, a idéa pura e nobre que raiou da luz evangélica, e pela acção de muitos séculos regenerou o mundo, depois de regenerar o homem, nunca foi entendida das antigas repúblicas, nem existiu para elas».

O momento crucial

OS NOSSOS FILHOS E A «MOCIDADE PORTUGUESA»

Devemos estar gratos por tudo quanto as estâncias oficiais fazem em favor da Juventude. A organização da Mocidade constitui uma bela tentativa para a educação das massas juvenis, num sistema de boa democracia.

Os serviços da Mocidade aos Sábados é que causam aos Adventistas preocupações, sobretudo quando desejam cumprir o bom plano de levar seus filhos à igreja. Pois bem: temos de registar a melhor boa vontade manifestada aos Pais que procuraram, junto das respectivas direcções, resolver com clareza e sinceridade o problema. Bastou apresentarem-se como cristãos adventistas, explicarem o seu caso para serem logo atendidos: os seus filhos passaram para centros onde os trabalhos se fazem em outros dias ou foram dispensados aos sábados. Não podemos deixar de agradecer aqui gestos dêstes de tão simpática compreensão.

« Sem religião, sem laços de família, sem regra moral, sem costumes, vivendo para saciar o ventre, e morrendo para não sobreviver às perdas delícias do vício, os romanos precipitaram-se na dissolução final, e tocaram o último abatimento.

No momento, em que a unidade política do império quasi universal, sujeitava aos delírios e prepotências de um só os delírios e os crimes de todos, quando o mundo entrava na primeira fase da grande decomposição, nascia na Judeia Jesus Cristo; ao lado da gangrena, que subia incessantemente ao coração do estado, brilhou logo a luz e apareceu o remédio espiritual da nova época.

Poucos séculos depois o paganismo vacilava; o estrépito dos passos dos bárbaros anunciava a hora da agonia à Babilónia de Tibre; e o mundo transformado caía aos pés da cruz, arvorada como estandarte da civilização, que renascia».

PARA muitos espíritos reflectidos, o problema do sofrimento é um dos mais angustiosos. Desde todos os tempos o homem o tem formulado e numerosas tentativas foram feitas para desvendar este mistério. Se Deus é, ao mesmo tempo, todo poderoso e infinitamente bom, como conceber que Ele permita o sofrimento?

Mas é em particular, quando o sofrimento fere um cristão na sua alma e no seu corpo, que a pergunta surge com mais acuidade: Porquê? Para quê?

Para o crente, uma coisa fica evidente entretanto, é que, qualquer que seja a razão pela qual o sofrimento é permitido, isso não significa que Deus seja indiferente às crises de dor sofridas pelas suas criaturas.

O profeta Jeremias, que vivia no momento da invasão da Judeia pelos exércitos da Babilónia, sob Nabucadnetsar, escreveu a respeito da misericórdia do Senhor: «Porque o Senhor não rejeitará para sempre. Pois, ainda que entristeça a alguém, usará de compaixão segundo a grandeza das suas misericórdias. Porque não aflige nem entristece de bom grado aos filhos dos homens» (Lament. de Jer. 3: 31-33). Assim, quando se tente explicar o problema do sofrimento, não pode haver dúvida quanto à bondade de Deus.

O que o homem semeia

Há um outro ponto fundamental que é preciso não perder de vista ao estudar este problema. As engrenagens do nosso mundo e de todo o universo são ordenadas segundo as leis divinas. A ciência estuda-as e considera-as como «leis naturais». Ora, se estas leis naturais são violadas pelo homem, resulta daí infalivelmente sofrimento. Não poderiam sê-lo doutra maneira num universo racional. Não se pode esperar mais que Deus suspenda o curso dessas leis afim de nos poupar as conseqüências da nossa ignorância ou da nossa maldade.

O mundo obedece sempre aos decretos de Deus; é assim que o tempo das sementiras é sempre seguido da sega, e que os animais se reproduzem sempre, «cada um segundo a sua espécie». Mas, aí também, a violação envolve sofrimento. O homem recolhe o que semeia, bênção ou maldição. Os seus hábitos de pecado e de prodigalidade levam em si os germes da sua própria destruição. A degeneração

rescência e a doença seguem fatalmente a dissipação.

Deus curava os Israelitas no deserto, mas logo que eles se entregaram à impureza, milhares de entre eles pereceram de doenças. O fim de tais exemplos é incitar os homens a deter a sua louca carreira de prazeres culposos e a considerar que «tal caminho parece direito ao homem, mas o seu fim são os caminhos da morte» (Prov. 16:25). Portanto, é preciso não esquecer jamais que, enquanto conseqüências funestas atingem até à quarta geração, Deus faz misericórdia «até mil gerações» (Êxodo 20: 5-6).

Porque é que o sofrimento tem ferido o homem

Na origem, o sofrimento é vindo ao mundo como resultado da desobediência do homem. Os trabalhos penosos e os sofrimentos físicos e morais fazem parte da punição do pecado. Mas é preciso notar que esta punição era mais um remédio que uma vingança. No Eden, Deus disse a Adão: «Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela: maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás todos os dias da tua vida» (Gen. 3: 17).

Assim é que a fadiga e a dor foram designadas para castigar o pecador e favorecer a piedade. Alguns milénios mais tarde, um rei hebreu declarava: «Antes de ser afligido andava errado» (Sal. 119:67). Toda a experiência humana mostra que o sofrimento conduz a alma a Deus, e que vários daqueles que prosperam espiritualmente sob o regime do sofrimento, adormecem logo que a prova termina.

Nos nossos dias, pode ver-se uma aplicação prática deste princípio. Durante a crise, muitos homens se voltaram para Deus e para a Sua Palavra. Os desastres e as provas incitaram as pessoas a olhar para o Céu e implorar dEle o socorro.

Devem os justos sofrer?

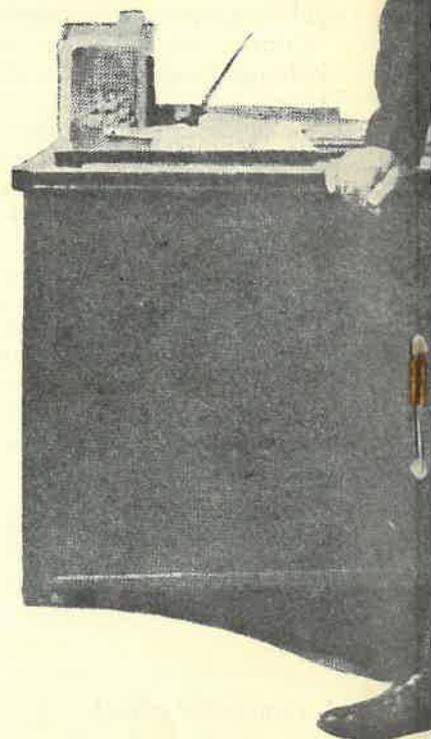
Há pessoas que imaginam que os cristãos são de uma maneira ou doutra estranhos ao sofrimento. Esta idéia persistiu desde a antiguidade. Os «amigos» de Job estavam persuadidos que, quando a aflição fere um homem, a causa deve ser atribuída unicamente ao seu próprio pecado, e que os justos são poupados pelos maus. Eli-faz zomba do patriarca Job por

PORQUE DE O SOFRIMENTO

por JEAN M

estas palavras: «Qual é o inocente que jamais percesse? E onde foram os sinceros destruídos?» (Job. 4:7). Os discípulos do Salvador participavam da mesma opinião; a pergunta que fazem a respeito dum cego de nascença assim no-lo deixa ver: «Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?» E assim ficaram maravilhados quando Jesus lhes respondeu: «Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nêle as obras de Deus» (João 9: 2-3).

A idéia de que o Sol brilha sempre sobre os justos, é preciso opôr a declaração, muitas vezes repetida, «que por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus» (Act. 14:22). Deus não prometeu que qualquer que ouve as palavras de Cristo e as põe em prática, ficará ao abrigo da chuva, dos ventos e das provas inseparáveis da vida. Não, mas declarou que todos receberão a força para suportar estas coisas e alcançar no



PERMITE DEUS SOFRIMENTO?

CMILLAN

fim a vitória. Segundo a parábola, «desceu a chuva, correram rios, mas «ela não caiu porque estava fundada sobre a rocha» (Mat. 7:24-25).

O Cristão perante o sofrimento

No decorrer da história, nota-se entre o homem quatro atitudes em face do problema do sofrimento: a atitude do estóico que diz: «Su-

porta-o»; a atitude do epicúrio que diz: «Ignora-o»; a atitude do cientista que diz: «Nega-o»; e finalmente a atitude do cristão que diz: «Sobrepuja-o».

Falando do sofrimento que iria em breve suportar, Jesus diz aos Seus discípulos: «Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós sereis dispersos cada um para sua parte, e me deixareis só; mas não estou só, porque o Pai está comigo. Tenho-vos dito isto para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo». (João 16:32-33).

Assim a todos aqueles que sofrem, Jesus traz uma mensagem positiva, não somente de perseverança, mas também de vitória. Quando se é tentado a desanimar e talvez mesmo a culpar Deus, devemos olhar para o «servidor do Eterno», o «homem de dores» que verdadeiramente conheceu o sofrimento. «Verdadeiramente Ele tomou sobre si as nossas iniquidades, e as nossas dores levou sobre si» (Isa. 53:4).

Todo o sentimento de piedade egoísta se apaga logo que lançamos um olhar sobre Jesus no momento em que, no Getsêmani, Ele ofereceu «com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte» (Heb. 5:7). Ele sofreu, não somente para salvar, mas para «socorrer os que são tentados» (Heb. 2:18).

Se o exemplo de Jesus, sofrendo, Ele, justo pelos injustos não dá a solução do problema aos olhos de toda a gente, resta-nos pelo menos que o seu exemplo tem encorajado homens e mulheres, não somente a suportar os sofrimentos mas também a vencê-los. O diploma do sofrimento parece, aliás, ter sido dado a um grande número de filhos de Deus. Pelo exemplo da Sua atitude diante da prova, eles têm inspirado a coragem, a força e a fé a multidões. Cânticos que falem da fidelidade em tempos de prova, foram compostos por filhos de Deus oprimidos pela dor. Os próprios cegos contaram a bondade de Deus.

É por meio dos sofrimentos mais amargos que Deus forma os seus eleitos. É muitas vezes por homens cujas esperanças ruíram e nunca mais puderam realizar-se, que Deus enriquece e enobrece o mundo. Foi suportando com uma firmeza notável as mais vivas dores que Jesus e os Seus discípulos ofereceram ao Deus que os acolheu «uma oferta e um sacrifício de cheiro suave». Despertamentos religiosos tiveram a sua origem na intercessão de

crentes enfermos que pediam a expansão do reino de Deus.

Assim, em vez de se lamentarem pela sua triste sorte, os cristãos mudaram numa gloriosa vitória o que só parecia uma derrota. Uma vez mais, a resposta do Senhor foi o que já tinha sido quando Paulo suplicava que o «espinho na carne» lhe fôsse tirado: «A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza». E o apóstolo acrescenta: «De boa vontade pois me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas injúrias, nas fraquezas, nas necessidades, nas perseguições, na angústia por amor de Cristo, porque quando estou fraco então sou forte». (2 Cor. 12:7-10).

A glória tirada da aflição

O fervente Pedro que queria ficar na Montanha da transfiguração, longe do vale onde reinam a doença e o sofrimento, devia aprender mais tarde, à luz do ensino do Mestre e também pelo seu exemplo, a dar ao sofrimento o seu verdadeiro significado. Ele escreve: «Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse. Mas alegrai-vos no facto de serdes participantes das aflições de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis» (I Ped. 4:12-13).

Para todos aqueles que, segundo o plano de Deus, são chamados a sofrer, há uma força na certeza que, «se todavia sofremos com Ele, também com Ele seremos glorificados» (Rom. 8:17). O aguilhão do «sofrimento do tempo presente» é retirado pela glória que se manifestará quando formos entrados na «comunhão dos seus sofrimentos» (Filip. 3:10).

Mas há ainda um outro aspecto do sofrimento que precisamos considerar. Os filhos de Deus não somente formam o seu carácter triunfando do sofrimento, como põem também em evidência a grandeza e a fidelidade de Deus. Quando os cristãos sofrem pela sua fé e resistem firmemente a despeito das perseguições, oferecem ao mundo o espectáculo de homens e mulheres que não temem a Deus por razões de interesse pessoal mas por amor.

Os sofrimentos dos «santos» põem pois o carácter de Deus acima de toda a suspeita. Deus não tem de maneira nenhuma de comprar os

(Continua na página 13)



Do centro da África...

Presados amigos:

Seria faltar a um dever — que a gratidão nos impõe — se não vos dêssemos as nossas notícias.

Depois de termos feito uma ótima viagem e de visitarmos a bela Missão do Bongo e a Sede da nossa Obra, em Nova Lisboa, chegámos ao Centro Missionário da Luz onde estamos colocados.

Minha espôsa lecciona o primeiro e segundo grau e eu tenho a meu cargo as classes de Bíblia, agricultura teórica e prática, bem como o trabalho de evangelização de catorze aldeias circunvizinhas e outros serviços gerais da Missão.

Aclimatámo-nos facilmente a estas longínquas paragens onde tudo é completamente diferente. Gostamos das populações e do trabalho que nos foi confiado. Temos tido boa saúde e sentido a mão de Deus sôbre nós no nosso trabalho.

Existem muitas outras Missões disseminadas por êstes grandes distritos da Lunda e Moxico, mas tôdas elas mais ou menos atrazadas devido ao povo ser muito relapso. Se é verdade que os Kiokos, no passado, se distinguiram pela sua perícia na guerra, também é verdade que hoje se distinguem pelos seus feitiços, pela sua prática da idolatria, poligamia, escravatura, etc., etc. Tôdas estas coisas o missionário tem de enfrentar e combater para ganhar almas para a fé e aperfeiçoar a raça.

Nestas condições, é muito difícil arrancar as almas das garras de Satanás e readmiti-las na família de Deus. Contudo sejam dadas graças a Deus porque alguma coisa se tem feito. Nesta Missão, pôsto que não esteja estabelecida há muito, já se vêem os seus frutos. Tem 120 membros, 12 catequeses das quais a mais perto fica a 15 quilómetros e a mais longe a 340, e dois dormitórios, um para rapazes e outro para raparigas.

Em Junho do ano passado fiz, com o Senhor Director da Missão, uma visita à catequese de Catulumba. As nossas espôsas ficaram em casa e nós dirigimo-nos ao Pôsto Administrativo de Dala afim de recebermos as guias. Só nos foi possível sair dali, às 9 horas, com destino a Saurimo. Fizemos o trajecto, que é de 170 quilómetros, perfeitamente. Passo a passo vimos animais focados pelos faróis do carro.

Um dia depois, às 7 horas da manhã, saímos de Saurimo, a pé, com destino a Catulumba. Estava um sol ardente e o terreno era um tanto arenoso, o caminho não tinha mais de 10 a 15 centímetros de largura pois era de gentios e javalis. Mas (ah!), era necessário andar muito, pois a distância a percorrer era aproximadamente de 55 quilómetros. A configuração do terreno, a vasta e luxuriante vegetação eram de tal maneira, que raras vezes nos era possível expandir a vista por mais de duas ou três dezenas de metros. Às vezes, porém, éramos beneficiados com a densidade do arvoredado, visto abrigar-nos dos raios do sol ardente.

Já tínhamos andado muito e as pernas doíam-nos quando chegámos ao «Luachimo». Êste rio é marginado de ambos os lados por um grande lamaçal. Para o atravessar foi necessário descalçar os sapatos, as meias, arregaçar as calças e percorrer assim, enterrando-nos até quasi aos joelhos, o dito lamaçal que tinha uma extensão de cerca de duzentos metros.

A sêde ardente que sentíamos quasi não nos permitia falar. Deitámo-nos à água com grande avidez, mas tivemos de bebê-la à maneira dos trezentos bravos de Je-



A selva espessa no Mochico

dião (Juizes 7:6), pois o rio, como quasi todos os outros, está infestado de hipopótamos, crocodilos e jacarés.

Após tôdas estas peripécias continuámos a viagem durante algumas horas até que chegámos ao rio «Tamba» onde se nos apresentaram as mesmas dificuldades, mas alegrámo-nos porque novamente tivemos água para saciar a sempre intensa sêde. Parámos alguns minutos para tomarmos uma simples refeição fria após o que seguimos a difícil e monótona viagem.

Faltavam uns quinze quilómetros para atingirmos o término do percurso quando o dia escaldante se dissipava, por um ocaso muito rápido, para dar lugar a uma noite frígida.

Nestas circunstâncias era loucura continuar. Tanto nós como os nossos serventes estávamos extenuadíssimos. Resolvemos acampar e passar ali a noite. Como já tinha sido informado de que o leão bem como outras feras passeavam por aquêles sítios, perguntei ao Director se não haveria perigo em pernoitarmos em pleno sertão completamente desabrigados, ao que obtive por resposta: «o leão não gosta de carne de missionários».

Nada mais havia a fazer do que arranjar um pouco de capim para servir de cama, com a roupa que levávamos, e dormir. Ao outro dia de manhã acordámos molhados devido ao cacimbo da noite.

Às oito da manhã começámos a última etapa e três horas depois estávamos em Catulumba. Fomos recebidos com tôdas as pompas gentílicas. Um grupo de quarenta alunos, formou em filas de dois, tendo o seu professor à direita, para cantar hinos religiosos na sua língua, mostrando assim a sua grande alegria pela nossa visita. Neste dia nada mais fizemos do que descansar afim de estarmos à altura de fazer o trabalho em vista. O primeiro

(Continua na página 15)



Aldeia indígena na região de Vila Luso

Secção Educativa

O Seminário Adventista em Portalegre

Passados os primeiros quinze dias após a abertura das aulas, desejamos vir dar-vos notícias do Seminário que, por certo, vos interessarão.

Como, segundo os planos estabelecidos pelo Conselho da União, o ano lectivo de 1943-44 foi dividido em dois turnos de estudo, um feminino e outro masculino, o primeiro teve lugar em Lisboa, de Novembro a Março, estando agora a funcionar o segundo, de Abril a Julho, neste Seminário, com nove alunos. É um início, decididamente, muito modesto, mas esperamos, em Outubro, começar novo ano lectivo, com um número de alunos bastante maior.

O tempo dos estudantes é distribuído principalmente por três ocupações: aulas, trabalho manual e estudo.

Devido à curta duração do período escolar, não podia haver menos de cinco horas diárias de aulas. Foi êste, aliás, o plano adoptado, com o fim de obter o máximo rendimento de tempo.

Segundo os conselhos precisos do Espírito de Profecia e a praxe geral do Movimento, o trabalho manual ocupa um lugar importante no nosso programa diário. Cada aluno realiza um mínimo de quatro horas e meia de trabalho remunerado, das mais variadas espécies, como: raspar as oliveiras, arrancar silvas, acarretar estrume, sachar batatas e regá-las, serrar e cortar lenha, descascar ervilhas, favas, batatas, raspar cenouras, lavar e limpar louças, varrer e lavar o dormitório e demais dependências, lavar vidraças, ir às compras, policiar a quinta, etc. Como os irmãos compreendem, trata-se de uma óptima oportunidade para a educação física e para o auxílio financeiro de todos os alunos.

Não queremos esquecer o tempo que o Seminário dedica à vida devocional. De manhã e à tarde realizam-se sempre, durante um quarto de hora, os cultos matutino e vespertino, dirigidos por um dos professores. Antes do almoço, reúne-se todo o pessoal académico na

capela, onde se realiza um culto de meia hora, conduzido em geral pelo Director do Seminário.

Apesar do programa apertado, onde por assim dizer não está prevista a perda de um minuto, não pensem os irmãos que os nossos alunos não têm tempo para se recrear. Quando visitarem as vossas igrejas, êles poderão contar-vos os alegres momentos que todos passaram recreando-se com jogos inocentes e animados, na hora social, aos Sábados à noite.

E-nos grato verificar o optimismo que se observa na nossa população académica. As boas côres e faces um pouco inchadas de alguns dêles (inchadas, não por causa das abelhas, mas das batatas e dos feijões) são uma prova evidente de que não se sentem aqui mal.

Com as mais cordiais saudações cristãs dos professores e alunos, agradecemos o vosso apoio moral e as vossas orações.

ERNESTO FERREIRA

A Instrução do Ministério

(à Juventude Académica)

Os outros servem-nos de espelho.

Seja padre de aldeia perdida no meio da serra, onde os paroquianos guardam rebanhos; seja de Lisboa, capital ilustrada do Império com as suas igrejas a regorgitar, ao domingo, da fina flor portuguesa; ou seja ainda padre prêto a dizer missa a outros pretos, em plena selva africana, todos têm um curso completo de seminário com onze anos de estudo. Acrescentem-lhe quatro anos, pelo menos, de instrução primária e veremos que andaram quinze anos a romper calças, no banco das escolas, antes de poder cantar a primeira missa!

Além dos padres que dizem missa e fazem as suas homílias aos domingos, há a venerável ordem dos prêgadores. Nem todo o padre é prêgador. Precisa de especial licença que implica novos estudos e novos exames.

Os párocos da capital e talvez das principais cidades universitárias são obrigados a completar os seus estudos do seminário com um curso universitário nas faculdades de teologia de Roma. Mais quatro anos, pelo menos, de teologia, filosofia e ciências afins.

Alguns dos nossos amáveis leitores, ateu ou evangélico, vai dizer com o seu bom sorriso trocista: «Tanto estudo para rezar em latim e tanta sabedoria para ensinar erros!» Mas é assim mesmo. Contra factos, cessam os argumentos. Podem dizer que estão enganados e ensinam mal; o que não podem dizer é que sejam analfabetos. Qualquer sábio se engana e continuará no êrro até ao momento em que desejou aplicar o valioso instrumento da sua ciência ao exame do assunto. Nenhum analfabeto, a viver no êrro, poderá dêle sair por exame próprio da questão: tem sempre de recorrer ao próximo.

As denominações protestantes, no estrangeiro, não ficam atrás da romana, no preparo do seu ministério. Seguem o mesmo programa: instrução primária, seminário, faculdade de teologia. Na Alemanha e na Inglaterra, pelo menos, os governos sustentam os ministros que passam a ser funcionários de estado, com os cursos e concursos determinados por lei. As denominações não conformistas têm de

(Conclui na pág. 15)

MAUS PORTUGUESES?

(continuação à crítica do livro
O ADVENTISMO
do Sr. Padre Rollim, O. F. M.)

As nossas críticas construtivas vão incidir hoje sobre o que se nos afigura

Um erro grave e muito vulgar

Nas páginas 20-21 do seu livro, o nosso autor apresentou a idéia segundo a qual contribuem para o enfraquecimento da unidade nacional todos os crentes que propaguem as suas crenças quando sejam diversas das de Roma. «Uma só Pátria e uma só Fé» eis o grito do Sr. Padre Rollim. Noutras palavras, precisamos todos possuir uma só religião se quisermos ter a mesma Pátria. Tirar da alma portuguesa a confiança na Igreja de Roma equivale a roubar-lhe o amor da Pátria. São maus portugueses os que são maus católicos e quem procure difundir o que reputa verdadeiro em Religião Cristã pertence à «quinta coluna» religiosa que combate os nacionais em favor dos estrangeiros.

Será verdade?

Não! Podemos ser bons portugueses, amar a Pátria e por ela nos sacrificarmos, sem ter a religião católica e, até, sem ter religião nenhuma. Quem ignora que a maioria do povo português não tem religião nenhuma, visto que não será religião o vago snobismo espiritual, a ida à igreja mais por respeito social do que por convicção alicerçada na verdade dos factos? O nosso autor é o próprio a queixar-se da ignorância pasmosa do povo português em assuntos de religião cristã: «A ignorância religiosa é um dos nossos maiores males, se não o maior». O que predomina em Portugal é o agnosticismo religioso. Em face deste facto absolutamente comprovado, teremos a coragem de dizer que a maioria dos portugueses não são bons portugueses e não amam a sua Pátria?

Os religiosos inteligentes e convictos formam uma minoria. Nessa minoria teremos de encontrar os nossos compatriotas que seguem o braamanismo, o budismo, o maometismo, o protestantismo e, quem

sabe, o feticchismo. São maus portugueses por isso? Fazem a campanha estrangeira? Não nos parece que seja verdade; se não quisessem ser portugueses, já há muito o não seriam os nossos compatriotas da Índia, de Macau, de Timor. A sua continuação na comunidade portuguesa revela apenas que o amor de Portugal pode viver bem num coração espiritualista ou ateuista de qualquer escola.

Nas praças públicas das nossas cidades, e até da nossa capital, encontramos estátuas que perpetuam a memória de personalidades devotadas ao Bem da Nação, algumas das quais tiveram a coragem de declarar nos seus testamentos que «morriam cristãos mas não católicos». Não são poucos os nomes de ilustres portugueses apostos às esquinas das ruas que não só não foram católicos mas combateram o catolicismo e a política de Roma. Por que estão os seus nomes nessas esquinas? Por que foram nobres portugueses, amigos da Causa Pública, embora fôssem adversários declarados da religião católica ou talvez mais ainda da sua política.

Não pode ser ainda verdade essa afirmação, porque seria negar a doutrina nacional portuguesa lapidada nos artigos da nossa Constituição segundo os quais todos os portugueses têm tanta liberdade de seguir a religião que entendam que não podem ser obrigados a dar satisfações, seja a quem fôr, a não ser para recenseamento e só com o fim exclusivo da estatística! Seriam maus portugueses os autores dessa Constituição e aqueles que a votaram por maioria esmagadora? Não serão antes maus portugueses aqueles que procuram criar uma atmosfera contrária ao que claramente a Nação estatue nas suas Leis Fundamentais?

Isto apenas para dizer alguma das muitas coisas quanto ao presente. Claro está que a História Nacional também deveria ser chamada a testemunhar sobre a veracidade de tais dizeres. Qual será o testemunho da História? Dirá que sempre e em todos os tempos os dilec-

tos filhos da igreja católica foram leais portugueses? Dirá que sempre e em tôdas as épocas os traidores à nacionalidade foram os prosélitos das outras igrejas ou pertenceram sempre aos ateus? Queremos deixar em paz os que desceram ao pó da terra; mas são perguntas muito simples, ao nível do ensino primário, e que provam plenamente a declamação camoniana que, com a devida vênia, vamos enriquecer de um adjectivo: «Entre (católicos) portugueses, traidores houve algumas vezes».

A imparcialidade manda-nos lembrar que, neste capítulo sobre bons e maus portugueses, os protestantes estão a ganhar. Não têm passado histórico; a Santa Inquisição e os Autos-de-Fé impediram que florescessem na vida nacional; ao mesmo tempo, porém, prestaram um bom serviço aos protestantes actuais pois podem olhar sem vergonha para o passado onde, por isso mesmo, não encontram as nódoas susceptíveis de cair no mais belo tecido, quando se exhiba à vida pública de cada dia.

E não queremos tornar-nos maçadores. Antes de terminar, porém, afirmaremos quanto nos doeu que o Sr. Padre Rollim deixasse transparecer, demasiado vivamente, essa triste ordem de idéias que tem enchido de sangue as páginas da História, que tem acendido as guerras religiosas, em nome da Religião de Jesus, «todo amor e toda bondade». Pois terminaremos por dizer, com toda a sinceridade, que acreditamos na existência do amor pátrio no coração de todos os católicos actuais e que, como portugueses que todos somos, temos mais um laço a fortalecer a nossa comunidade de idéias e devemos pensar, consoante afirmou o nosso Chefe do Governo, «que todos os portugueses não são demais para continuar Portugal». E contra os «maus portugueses», «os traidores à Nação» apliquem-se as leis salutares do Código Penal e, caso as não haja, sejam feitas. Mas observe-se, sempre, que chamar «mau português» a quem o não é, constitui calúnia.

ANTÓNIO DIAS GOMES

ENDIREITANDO AS VEREDAS PARA O FUTURO...

(Continuação da página 5)

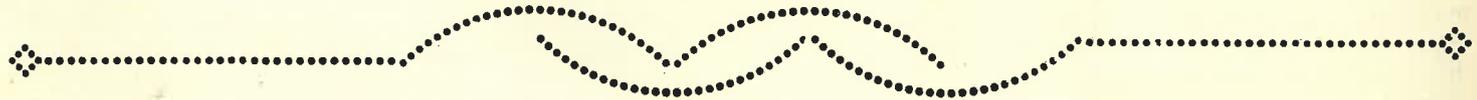
destruídas. Devem também ser feitos preparativos para prover novas facilidades e, acima de tudo, devem ser preparados obreiros jovens que possam ser enviados ao encontro de múltiplos chamados que virão de longe e de perto. Nem por momentos devemos afrouxar os nossos esforços. Com a ajuda de Deus devemos conservar intactas as nossas linhas em movimento de avanço e com todo o ímpeto, e ao mesmo tempo fazer tôda a preparação possível para enfrentar todos os pedidos do após-guerra que Deus fará chegar até nós.

A Conferência Geral tem já colocado sob compromisso um bom número de prometedores jovens

obreiros para certos campos dos quais estão presentemente desligados. Êstes obreiros têm sido enviados a freqüentar cursos lingüísticos em escolas onde estão actualmente estudando a língua dos seus campos respectivos de maneira a estarem prontos para a obra, tão depressa as portas se abram para êles poderem avançar. Cursos extraordinários de línguas têm sido também organizados em muitos dos nossos colégios de modo a que os estudantes que se preparam para os campos missionários possam relacionar-se com essas línguas estrangeiras. Um outro trabalho que está recebendo atenção é a preparação de manuscritos em línguas

diferentes para livros e folhetos a imprimir depois da guerra. Alguns dos obreiros que têm sido obrigados a regressar dos seus campos missionários estão agora empenhados na importante tarefa de traduzir livros e outras publicações para os seus campos. Com os seus olhos no futuro tanto como no presente, os dirigentes responsáveis estão orando, estudando e planeando.

Os obreiros e membros em todo o mundo deveriam unir-se agora em oração fervente a Deus para que possamos ter clareza de vistas, corações devotados e espíritos corajosos e fortes. Nêste tempo de crise devemos estar aptos a ver e compreender os nossos deveres para com Deus. Devemos também ter a graça, a sabedoria e a fôrça requeridas para encontrá-los e cumprí-los de acôrdo com a Sua divina vontade. Se lealmente fizermos o nosso dever, Deus, que é sempre fiel, fará mais do que a Sua parte para o rápido acabamento da Sua obra neste velho mundo de pecado.



Porque permite Deus o Sofrimento?

seus homens. O sofrimento é um sinal de consagração. «A aflicção produz a paciência» (Rom. 5:3). Aos Hebreus convertidos que eram tentados a encontrar no judaísmo uma segurança relativa, Paulo lança o apêlo vibrante: «Filho meu, não desprezes a correcção do Senhor, e não desmaies quando por Êle fôres repreendido; porque o Senhor corrige ao que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correcção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija? . . . E, na verdade, tôda a correcção, ao presente, não parece ser de gôzo, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela» (Heb. 12:5-12).

O nosso Pai celestial ama-nos demasiado para permitir que guardássemos qualquer mau traço de caracter. O sofrimento e o castigo são o cinzel com o qual Deus nos

(Continuação da página 9)

forma e nos aperfeiçoa em vista da nossa admissão na sociedade celeste. Onde quer que estejam penas e sofrimentos, as afeições desligam-se das coisas dêste mundo e é-se levado a colocá-las sôbre as coisas do alto (Col. 3:2). Quando João foi exilado para Patmos, a alma clamava, em resposta à promessa de Jesus: «Ora vem, Senhor Jesus» (Apoc. 22:20).

Caro leitor, se passas por um momento de sofrimento ou se sofres perseguição pela causa da Verdade, lembra-te que estás na escola do Senhor. Pela tua paciência e também pela vitória que, graças à tua coragem, alcanças sôbre o sofrimento, reabilitarás o carácter de Deus aos olhos do Universo. E Êle te purifica afim de que participes da «herança dos santos na luz» (Col. 1:12). Eis porque, podes ter

a certeza que o tempo se aproxima em que Deus «limpará tôda a lágrima» dos teus olhos, ali onde não haverá mais morte, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas» (Apoc. 21:4). Nêste dia feliz, «abrir-se-ão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos serão abertos. Então os coxos saltarão como servos, e a língua dos mudos cantará. . . E os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com júbilo: e a alegria eterna haverá sôbre as suas cabeças: gôzo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido» (Isa. 35:5-10).

Será então que nós compreenderemos o designio de Deus que envia a prova aos Seus filhos, e que nós concordaremos que o caminho no qual Êle nos conduziu é bem aquêle que nós teríamos tomado se tivéssemos podido ver aonde Êle conduz, e discernir a glória do seu designio que nos estava reservado cumprir.

UMA IGREJA UNIDA

O POVO DE DEUS

A unidade da Igreja remanescente ao enfrentar a última grande crise é ao mesmo tempo a insígnia da sua origem divina e o baluarte inexpugnável da sua defesa contra os poderes das trevas e desintegração actualmente desenfreados sobre a terra. Contra uma Igreja unida, nem as portas do próprio inferno podem prevalecer. Por esta razão, o arqu-enganador procura nestes últimos dias, como sempre procurou, através dos séculos, espalhar e separar o povo de Deus, para que por esse meio possa conseguir a sua destruição. O originador da confusão e desordem, o autor da estratégia hoje tão falada do «divide e submete», é o próprio príncipe das trevas.

A nação apela num tempo como o nosso para a unidade dos seus cidadãos, e os sinceros Adventistas por todo o país rejubilam de participar na resposta que tão exponetaneamente se manifestou. E agora que o mundo parece êle mesmo vacilar e hesitar sob um entrecho-car de armas como jãmais foi visto, e as nações da terra tremem à aproximação da corrente avassaladora da crise, a Igreja de Jesus Cristo na terra tem que vestir-se com as suas belas vestes de justiça e estar pronta para o despontar da manhã. A Igreja é um corpo organizado, designado nas Escrituras como «o corpo de Cristo». Enquanto ainda militante, necessitada e imperfeita, por meio da graça de Deus ela tornar-se-á «um corpo transformado, iluminado com a glória do Emanuel». Num mundo que está mortalmente doente, os seus interesses devem volver-se para as coisas que são essenciais, eternas, imortais.

O fim de tôdas as coisas está às portas. Em breve o povo de Deus triunfará gloriosamente. No entanto, agora mesmo é o tempo em que o inimigo trabalhará «com grande poder e sinais e falsos prodígios» para derrotar a Igreja. Agora, enquanto as trevas cobrem a terra e a escuridão os povos, e a glória do poderoso anjo de Apocalipse 18 está prestes a ser manifestada,

quando da Palavra está brilhando grande luz a iluminar o caminho do povo de Deus, é verdadeiramente o tempo em que a chamada nova luz da falsa doutrina clamará por aceitação no meio do remanescente. Neste grande e terrível tempo, em que o despertamento e a reforma devem caracterizar a Igreja expectante, não deixarão de se manifestar entre o professo povo de Deus falsos reavivamentos e pseudo-reformas.

Agora mesmo, em que o grande movimento antitípico da libertação do povo de Deus da servidão do Egipto está prestes a atingir o «zenith», e o Senhor chama o Seu povo para «erguer-se e brilhar», os avisos da palavra de Deus e do Espírito de Profecia contra falsos levantamentos no despertar da desordem e desorganização, são de importância e significado especiais para todo o crente consagrado.

À Igreja de Éfeso, escreve Paulo: «Porque eu sei isto, que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos crueis, que não per-

doarão ao rebanho; e que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atrair os discípulos após si». (Act. 20:29-30).

E mais tarde no tempo do fim, por meio dos escritos do Espírito de Profecia, vem a mensagem:

Quanto não rejubilaria Satanaz se pudesse ser bem sucedido nos seus esforços para entrar no meio deste povo, e desorganizar a obra num tempo em que uma organização completa é essencial, e será o maior poder para evitar falsos despertamentos e refutar afirmações não abonadas pela Palavra de Deus! Precisamos de manter as linhas imparcialmente, de modo a que não haja quebra no sistema de organização e ordem que foram construídos à custa de sábio e cuidadoso trabalho. Não devem permitir-se os elementos de desordem que desejam controlar a obra neste tempo». («Gospel Workers», pág. 487).

Nem todos os que emprestam a sua influência à obra de conduzir outros membros para fora estão



Uma Congregação unida para receber novos membros

consciente e designadamente envolvidos em tão nefasta empresa. Conquanto haja uns poucos que são escarnecedores e acusadores dos irmãos, cuja obra e influência os mostra claramente como inimigos da cruz de Cristo, e outros, sábios nos seus próprios conceitos, contudo orgulhosos da sua simulada humildade, que causam dificuldades e dúvidas a muitos crentes sinceros, há ainda outros que se deixam decepcionar por causa do ódio e subtileza do dragão e da falsidade do pecado.

Mas o que é chamada a *emergência* que veio sobre o mundo tem trazido à Igreja um novo desafio, ou melhor um velho desafio com acrescida força e urgência. A posição do «neutro», ou atitude de indecisão, que a alguns noutros tempos teria parecido sustentável, está agonizando e desaparecendo. E os homens e mulheres nas nossas igrejas encontram-se agora seriamente em face de perguntas como esta: «Sou eu realmente um membro do corpo de Cristo? Estou eu ajuntando com Ele ou estarei, pela minha influência e maneira de viver, espalhando?»

É um tempo, irmãos e irmãs, para cada um de nós rejubilar como nunca antes perante o indescritível privilégio que é o nosso de pertencer à Igreja remanescente, que espera a volta de Jesus. Banindo todo o sentimento de justiça própria ou auto-complacência, deveria-

mos dizer nos nossos corações e a cada um de nós as palavras do Salmista: «Antes quero ser porteiro da casa do meu Deus, do que habitar nas tendas da impiedade».

Agora que «as agências do mal estão combinando as suas forças e consolidando-as», ouçamos mais uma vez e com alegria o toque do clarim de Deus ao Seu povo, três vezes repetido através do Espírito de profecia: «Cerrai fileiras, cerrai fileiras, cerrai fileiras».

«Deus tem uma Igreja sobre a terra, que é o Seu povo escolhido, que guarda os seus mandamentos. Ele está conduzindo, não um rebanho extraviado, não um aqui e outro acolá, mas um povo» («Testimonies to Ministers», pág. 61).

Portanto não sejamos cobardes nem indecisos no tempo de prova que a Igreja está prestes a atravessar. Porque o Senhor dos Exércitos, que é Ele mesmo o Chefe, a Cabeça da Igreja, é a esperança do Seu povo.

«Quanto mais profunda fôr a noite para o povo de Deus, maior será o brilho das estrélas. Satanás acosará dolorosamente os fiéis, mas, em nome de Jesus, eles sairão mais do que triunfantes. Então aparecerá a Igreja de Cristo «brilhante como a lua, clara como o Sol, e terrível como um exército com bandeiras» («Testimonies», vol. V, págs. 81-82).

A . W . C O R M A C K

-lorque, Genebra e tantos outros centros do velho protestantismo. Essas obras só podiam ser fruto da inteligência.

Não cançaremos o leitor com citações da Bíblia, do Espírito de Profecia ou com os dizeres dos luminares denominacionais. Todos, à uma, proclamam a necessidade dum ministério instruído. Nem o próprio Jesus — a Sabedoria que existia em Deus antes da fundação do mundo (Prov. 8:22-36) — achou conveniente soprar a ciência sobre os seus apóstolos e evitar-lhes, assim, o disciplinado de anos seguidos!

E que a ciência e a santidade não se excluem ou combatem, prova-se pelo facto de serem ambas frutos do Espírito Santo. O exame da lista dos chamados santos, nas igrejas cristãs, prova que santos estúpidos não existem. O Espírito de santidade conferia logo o conhecimento — ou não fôsse Ele «o Espírito de sabedoria e de inteligência» (Isaías 11:22) — e, muitas vezes, a santidade foi provocada pela ciência. O pecado e a maldade são frutos da ignorância como Jesus ensina na sua célebre frase: «Pai, perdoa-lhes que não sabem o que fazem».

Senhores estudantes e senhores professores! Há séculos que o Evangelismo tenta penetrar em Portugal e sem êxito nenhum. Diremos que nem Deus nem o Espírito Santo querem nada com os portugueses? Impossível: «Deus quer que todos os homens se salvem» (I Tim. 2:4). Diremos que o povo português não se preocupa com religião? É falsíssimo.

Que será?

O futuro está nas vossas mãos.

(DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO)

A INSTRUÇÃO DO MINISTÉRIO (à Juventude Académica)

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11)

apressar o passo afim de que os seus ministros não façam «má figura» no meio dos outros.

Por isso os ministros assim formados, têm possibilidades de ordem científica e literária muito apreciáveis. Ocupam o lugar social que lhes é devido pelo seu saber. Muitos deles são escolhidos para professores universitários. Em Portugal não são raros os distintos professores, nas escolas secundárias e universidades, que saíram das fileiras clericais. Os melhores livros sobre as mais variadas ciências são publicadas por membros de ordens religiosas. Os protestantes, nos países onde florescem

as mais fortes denominações, procuram e alcançam publicar obras bem documentadas e apresentadas, sobre o problema religioso.

Dirá ainda outro amável leitor: «E que alcançam eles com toda a sua sabedoria?» Os protestantes alcançam prender a Jesus e ao Evangelho milhões de adeptos; todos sabem que as Congregações Metodistas têm milhões de membros; o mesmo nas Baptistas; muitos milhões existem na Anglicana e Luterana. Os católicos alcançam estabelecer nos centros mais populares dos países protestantes as suas boas e bem frequentadas igrejas: que o digam Londres, Nova-

SAÚDE E LAR

REVISTA DE MEDICINA POPULARIZÁVEL

Vinte páginas de artigos
assinados por Médicos

PROFUSAMENTE ILUSTRADAS

Avulso 3\$00

Assinatura anual 15\$00
(seis números)

LEITURA ÚTIL E AMENA

Noticiário Adventista

Campanha da Grande Semana

Muitas Igrejas do continente relatam terem alcançado o seu objectivo financeiro sem grande dificuldade. Ainda não recebemos esta notícia de tôdas as partes da nossa União mas temos a esperança de que não tardará. A todos os Irmãos que se esforçaram a fazer a sua parte, os nossos melhores agradecimentos.

Baptizados

Iniciámos a série de baptismos de 1944 com uma cerimónia na Missão de S. Tomé. Seguiu-se outra em Lisboa com quatro baptismos, para começar. Certamente a estas horas mais baptismos se vão realizando nas diversas congregações do Campo. A «Revista Adventista» cumprimenta os Adventistas mais novos e deseja-lhes muita satisfação na sua carreira cristã.

Esforços de Evangelização

Enviam-nos boas notícias sobre auditórios, a Missão da Madeira, a Congregação de Portalegre, do Porto e de Vila Real de Santo António. A Congregação do Barreiro que tem casa de pouca capacidade tem estado sempre cheia só de Irmãos e algumas visitas. Se as outras congregações não relatam o mesmo é que terminaram a sua primeira série e estão planeando outra.

Colportagem

Trabalho árduo! Valha-nos ao menos a plena liberdade de que gozamos para colocar livros e revistas. O nosso Ir.º Samuel dos Reis apresenta o seu primeiro relatório de Março com belos números em tôda a linha. Que belo, se pudéssemos ter sempre o mesmo relatório mensal. E porque não? Colportores e colportoras existem sempre de boa vontade; há livros e há revistas.

Partiu para Moçambique o colportor Lúcio Soares com um carregamento de 1.200 livros. Vai partir para Angola o colportor Saldanha com 3.000 livros. A revista

Saúde e Lar, à medida que é apresentada nas províncias, vê aumentar o número dos seus assinantes. Se fizermos a mesma coisa teremos o mesmo êxito com a Revista Adventista.

Tem tido êxito muito apreciável com a revista Saúde e Lar o grupo das duas Irmãs Sara Almeida e Emília Noivo, no Alentejo, e a Irmã Elisa de Jesus, no Minho. Com mais dificuldades e, conseqüentemente, com êxito em as aguentar, as irmãs Amélia Dias e Adelaide, no distrito de Leiria. Infelizmente doente no hospital, a Ir.ª Idalina Ferreira.

Falecimentos

Tivemos o doloroso dever de acompanhar ao cemitério alguns Irmãos, durante êste trimestre, entre os quais:

A Ir.ª Palmira Materno, Ir.ª Irene Gomes e Ir.ª Júlia Gonçalves, da Congregação de Lisboa.

Paz ao seu corpo!

Transferências

A vinda do Ir.º Samuel dos Reis, dos Açores, provocada pela doença de sua espôsa, obriga-nos a transferir para a Missão Açoreana o casal Lutero Simões, em Coimbra. Esperamos que se dê esta mudança durante o Mês de Maio pois há já meses que não temos serviço na Missão de Angra.

Do centro da África...

CONCLUSÃO DA PÁGINA 10

serviço a empreender foi a inspecção visando os seguintes pontos: exame aos alunos, a vida particular do professor, seu comportamento no lar, como bom exemplo na aldeia, a Escola Sabatina e a maneira de apresentar a Mensagem, organização, estado e limpeza da Escola e da casa do professor, etc., etc.

Seguidamente começámos o trabalho de evangelização não só em Catulumba, mas também em quatro aldeias vizinhas. Dividimos o povo por nós e nossos colaboradores catequistas para que tôdas as pessoas tivessem a grande oportunidade de ouvir a mensagem de Salvação. Todos os pontos de doutrina contidos no nosso ceticismo foram focados por nós em cada um dos dias durante a nossa estadia ali de 15 dias. À noite acendíamos grandes fogueiras, o povo sentava-se em forma de círculo, cantavam-se hinos, expunha-se o Evangelho puro de Jesus, faziam-se apêlos directos ao coração das pessoas e finalmente invocava-se o nome de Deus através duma fervorosa oração que era traduzida e ouvida silenciosamente por todos.

Sempre que tinha tempo ia para junto do povo. Gostava muito de lhes fazer perguntas acerca dos seus usos e costumes e falar-lhes directamente do nosso Salvador Jesus. Havia muitos aleijados e várias doenças repugnantes, talvez

incuráveis. Quando será o dia em que nós poderemos ter aqui um médico para que estas infelizes pessoas sejam curadas do corpo e do espirito?

Fizemos tudo quanto pudemos em favor daquelas pobres almas. Era tempo de andarmos os 55 quilómetros até Saurimo. Desta vez preferimos andar tudo num dia a dormirmos ao relento. Chegámos muitíssimo fatigados, mas ao outro dia estávamos quasi bons, graças ao Senhor. Após um dia dirigimo-nos à Missão onde tudo tinha decorrido óptimamente.

Eis aqui, prezados leitores, como o missionário procura, com tôdas as suas fôrças, com tôda a sua boa vontade, às vezes com risco da sua própria vida, «dilatar a fé e o império».

Desejava pedir a todos os que lerem estas linhas que se lembrem de nós e da Obra de Deus neste ponto do nosso querido Portugal. Os indígenas, não obstante serem de côr e raça diferentes, merecem da nossa parte muita simpatia, amor e auxílio, não só porque pertencem ao nosso Império Colonial, mas também porque são filhos do mesmo Deus que «não faz acepção de pessoas».

Missão da Luz, Angola, 30-12-945

ATAÍDE MIGUEL CANDEIAS